

■ NACIONAL

G-10 elogia ajuste fiscal, mas cala sobre ajuda

Ainda sem acordo com o Brasil, países ricos preferem adotar atitude cautelosa

Assis Moreira, da Basileia

O G-10, grupo das nações mais ricas do planeta, não revelou o montante de sua participação no financiamento para o Brasil, argumentando que nem todas as decisões estavam inteiramente tomadas. Mas os responsáveis pelos bancos centrais, reunidos no BIS (Banco para Compensações Internacionais), depois de examinarem o plano de ajuste fiscal do Brasil, anunciaram que "as medidas estão na direção correta e contribuem para restaurar a confiança no País".

A mensagem foi transmitida ontem pelo atual presidente do G-10, Hans Tietmeyer, do poderoso Bundesbank, o banco central alemão, ao final da reunião mensal do grupo, realizada ontem pela manhã na Basileia (Suíça).

O presidente do Banco Central brasileiro, Gustavo Franco, ficou seis horas na sede do BIS, mas não participou da reunião do G-10, como ressaltou com ênfase Tietmeyer, quase como se a possibilidade da presença do brasileiro no grupo dos

banqueiros ricos fosse uma heresia. Tietmeyer explicou que Gustavo Franco participara apenas de uma reunião informal no domingo, quando os responsáveis pelos bancos centrais reuniram-se também com grandes banqueiros privados internacionais, que estão sendo "estimulados" a retornar os financiamentos de curto prazo para o Brasil.

Indagado sobre se o G-10 fizera algum tipo de recomendação ao presidente do Banco Central do Brasil, Tietmeyer reagiu, balançando as mãos no ar: "Não, não fizemos nenhuma recomendação a ele", garantiu o alemão.

Ele recusou-se, também, a entrar em detalhes sobre o que estaria faltando para fechar o pacote de ajuda ao Brasil e tampouco quis confirmar se era de US\$ 15 bilhões o montante que as nações industrializadas vão colocar à disposição do País. Mas repetiu que também o pacote global em preparação "está na direção correta" para ajudar o País a superar seus problemas e, destacou, para



Gustavo Franco

evitar também um "efeito dominó" na economia mundial.

Numa rápida entrevista após a reunião do G-10, Tietmeyer deixou claro que ontem os responsáveis pelos bancos centrais trataram quase todo o tempo da economia mundial, e bem menos do Brasil. Em todo caso, se houve máximo sigilo no caso brasileiro, ele tratou de falar mais sobre a economia internacional, inclusive para voltar a cobrar que o Japão tente estimular o crescimento de sua demanda doméstica.

Usando o máximo de prudência, o presidente da Bundesbank relatou que, na constatação geral dos ban-

cos centrais dos países industrializados, "a inusual turbulência financeira parece ter-se estabilizado, e os mercados parecem mais calmos", disse, para ressaltar logo em seguida que "devemos manter a precaução, porque a situação ainda é bastante delicada".

"Precisamos estar vigilantes no que diz respeito ao mercado financeiro", enfatizou Tietmeyer, constatando uma desaceleração na economia dos países industrializados "em parte por causa dos efeitos da situação nos países emergentes".

A crise internacional fez uma pausa, mas o problema ainda não está resolvido", disse o presidente do Banco Central da Itália, Antonio Fazio. "A dúvida é se o Japão poderá relançar sua economia". Ao mesmo tempo, Tietmeyer informou que o Japão indicou que vai lançar uma segunda etapa de medidas fiscais nas próximas semanas.

Se os membros do G-10 ainda não decidiram o montante do pacote de ajuda financeira para o Brasil, em contrapartida, concluiu que novas medidas devem ser impostas, para melhorar a transparência no sistema financeiro internacional, o que deverá incluir mais informações sobre

a liquidez dos países.

A idéia é fazer com que os mercados possam saber claramente, e com mais rapidez, os recursos externos à disposição das autoridades que possam ser facilmente mobilizados em períodos de necessidade e o potencial de redução das reservas internacionais por causa de despesas externas.

Os integrantes do G-10 argumentam que a crise asiática e suas consequências mostraram a deficiência na disponibilidade de informações sobre a entrada e saída de recursos externos, tanto em países industrializados como nas economias emergentes. "Isso é de maior importância", insistiu Tietmeyer, anunciando a divulgação de um relatório que tratava do assunto.

A reunião mensal formal do G-10 começou às 10 horas e Alan Greenspan, do Federal Reserve, dos Estados Unidos, foi o último a chegar. O italiano Antonio Fazio foi o primeiro a deixar o encontro, às 13 horas.

Enquanto isso, Gustavo Franco permaneceu até o fim da tarde no BIS, o que deu margem a interpretações de que ele estaria discutindo detalhes sobre o dinheiro que virá do G-10 e do BIS.

Insistentemente procurado pela imprensa internacional, e chamado de "o homem do dia" por uma jornalista inglesa, Franco fez uma "concessão" e apenas confirmou que estava de retorno ontem a noite para o Brasil. "Nada a declarar", foi a frase que mais repetiu na Basileia, enquanto acelerava o passo para fazer os 100 metros que separam o BIS do Hotel Hilton, onde estava hospedado.

As 17h45, já noite em Basileia, quando saiu do BIS, disse que tinha falado aos "baianos" (os jornalistas brasileiros) que estava indo embora, e esclareceu que todos os envolvidos nas negociações foram instruídos a não fazer declarações. "O fluxo de informações só parte do ministro da Fazenda, Pedro Malan", avisou. Ou seja, qualquer quebra no sigilo seria culpa do ministro, considerando-se o que disse Gustavo Franco.

Os banqueiros privados que estiveram no BIS no domingo não foram vistos ontem em Basileia. Tampouco fontes do BIS quiseram indicar se algum banqueiro comercial se engajara mais firmemente em participar do pacote de financiamento para o Brasil.